

Helder Muteia

Representante da FAO no Brasil

Produzir mais e melhor

Por Bruno Blecher

DESDE que chegou ao País, há dois meses, o moçambicano Helder Muteia, representante da FAO no Brasil, vem estudando os programas públicos de apoio à agricultura familiar, combate à pobreza e segurança alimentar. Seu objetivo é buscar caminhos para adaptar e replicar algumas dessas experiências nos países africanos, onde se concentram cerca de 250 milhões do contingente de mais um bilhão de subnutridos do mundo.

“O Brasil é um grande laboratório. A tecnologia de agricultura tropical desenvolvida aqui permitiu um salto na produção agrícola, e programas como o Mais Alimentos podem servir de modelo para outros países agrícolas”, diz Muteia.

Além da tecnologia, é preciso garantir renda aos pequenos produtores rurais para quebrar o círculo vicioso da pobreza e da fome, acrescenta Muteia: “Os agricultores precisam ter acesso ao mercado para vender suas safras a preços justos. Se vencermos a pobreza, poderemos erradicar a fome no mundo.”

Helder Muteia participou em outubro do Fórum Inovação Agricultura e Alimentos Para um Futuro Sustentável, realizado em São Paulo. O evento foi promovido pela FAO, Associação Brasileira de Agronegócio (Abag) e Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef).

AGROANALYSIS Os mais recentes números divulgados pela FAO indicam uma queda da fome no mundo. É um bom sinal?

HELDER MUTEIA É verdade. Os dados mais recentes da FAO mostram que o número de pessoas subnutridas no mundo teve a



Oripides Ribeiro

“A insegurança alimentar é causada pela pobreza, que por sua vez deriva da desigualdade social”

primeira queda em 15 anos em 2009. Caiu de 1,023 bilhão para 925 milhões. Mas embora tenha havido uma redução de 98 milhões de pessoas no total de subnutridos, o número continua alto, acima do objetivo estabelecido pelas metas do milênio, que era o de reduzir pela metade o número de vítimas da fome no mundo até 2015. Esta pequena redução nos números da fome não nos entusiasma. Depois de ter aumentado no período entre 2006 e 2009, devido principalmente à alta dos preços dos alimentos e aos efeitos da crise econômica mundial, tivemos uma redução este ano. É um reflexo da recuperação da economia mundial e de uma estabilidade nos preços dos produtos agrícolas.

AGROANALYSIS Mas os preços de alguns produtos voltaram a subir neste segundo semestre.

HELDER MUTEIA Isso nos preocupa. Os dados sobre a fome não contabilizam as crises no Paquistão e no Haiti e também a seca na Rússia, que provocou uma forte alta nos preços do trigo, com reflexos também nas cotações do milho e da soja. Estamos apreensivos em relação aos impactos desses fatores.

AGROANALYSIS A produção de biocombustíveis a partir de produtos como a cana-de-açúcar e o milho é responsável pela alta dos preços dos alimentos?

HELDER MUTEIA O que preocupa mais é o álcool produzido com o milho, como acontece nos Estados Unidos. Em 2008, houve um movimento dos capitais para a produção de biocombustível. O milho, base do etanol americano, concorre diretamente com a alimentação humana. Mas não deve haver radicalismo nesta discussão sobre a utilização da terra para a produção de alimentos e biocombustíveis. É preciso garantir os recursos para os dois. Na Índia, por exemplo, que tem escassez de terras para a agricultura, a opção encontrada para a produção de biocombustíveis foi utilizar áreas marginais.

AGROANALYSIS Quais são os países mais afetados pela fome?

“A fome não é um dado estatístico. Ela dói, degrada a pessoa e mata”

“Não deve haver radicalismo na discussão sobre a utilização da terra para a produção de alimentos e biocombustíveis. É preciso garantir os recursos para os dois”

HELDER MUTEIA No sul da Ásia, mais de 600 milhões de pessoas passam fome. Na África, há cerca de 250 milhões, a maioria na chamada África Subsaariana, que corresponde à região do continente ao sul do Deserto do Saara. Na América do Sul e no Caribe, a estimativa é de 56 milhões de subnutridos. Em relatório divulgado na semana passada, a FAO informou que 22 países do mundo estão em crise prolongada. São países com elevados índices de fome e que já enfrentam crise alimentar há mais de dez anos. A fome não é um dado estatístico. Ela dói, degrada a pessoa e mata. Para as pessoas que moram no conforto das grandes cidades é difícil compreender esta realidade. A cada cinco minutos, uma criança com menos de cinco anos morre de fome no mundo. A alimentação não é um simples direito, mas uma precondição do ser humano. Sem alimentos, nós não pensamos, não conseguimos agir.

AGROANALYSIS Como erradicar a fome no mundo?

HELDER MUTEIA Nosso grande desafio é produzir mais e melhor. Pelas projeções da ONU, o mundo terá nove bilhões de habitantes daqui a 40 anos, em 2050. São dois bilhões a mais do que hoje. Para atender a toda essa população, a agricul-

tura mundial terá de aumentar em 70% a produção de alimentos. Vamos ter de produzir melhor, diante da ameaça do aquecimento global. Produzir com sustentabilidade, ambiental e social. A campanha da FAO este ano tem como lema Unidos contra a Fome. Nós temos consciência de que não é possível derrotar a fome sozinhos. A erradicação da fome exige o empenho de vários atores: governantes, produtores, agrônomos, cientistas, fabricantes de máquinas agrícolas, empresas de fertilizantes, supermercados. Hoje, o mundo produz alimento suficiente para abastecer todo o planeta. O grande problema está na distribuição. A desigualdade e a pobreza são as maiores causas da fome. A insegurança alimentar é causada pela pobreza, que por sua vez deriva da desigualdade social, dos desastres naturais e das guerras, que aumentam as populações vulneráveis.

AGROANALYSIS O Brasil desenvolveu nas últimas décadas uma tecnologia de agricultura tropical que possibilitou um grande salto na produção. Hoje, o País é uma potência agrícola e está entre os líderes mundiais na produção de soja, café, carnes, suco de laranja, açúcar, en-



Origides Ribeiro

ção a intermediários e caminhoneiros. O combate à pobreza no campo requer, além da tecnologia, um programa de financiamento para compra de insumos e maquinários, além de seguro agrícola e outras condições para uma agricultura competitiva. Os governos também precisam investir em infraestrutura, armazenagem, estradas e portos.

AGROANALYSIS Como o Brasil pode colaborar na guerra contra fome no mundo?

HELDER MUTEIA O Brasil hoje é um grande laboratório para a FAO. Quando Jacques Diouf, diretor-geral da FAO, me nomeou representante no Brasil, ele pediu para que eu observasse com atenção as políticas públicas do Brasil na área da segurança alimentar. Programas como Fome Zero tiveram sucesso e foram bem avaliados pela FAO. Isso se deve em grande parte ao dinamismo do agronegócio brasileiro. A consolidação da economia também contribuiu para a redução da pobreza. As políticas de inclusão social desenvolvidas por aqui podem ser replicadas para outras partes do mundo. O grande patrimônio do Brasil é a diversidade de atores no campo do agronegócio: a Embrapa, as universidades, os institutos de pesquisa, as cooperativas, as entidades setoriais, as empresas de máquinas e insumos.

AGROANALYSIS A biotecnologia também não pode ser uma ferramenta importante para aumentar a produção e combater a fome?

HELDER MUTEIA É uma oportunidade. Mas precisamos garantir que esses produtos sejam testados para não oferecerem riscos aos agricultores, aos consumidores e à natureza. É importante lembrar que a biotecnologia é cara e, muitas vezes, favorece mais os monopólios do que os produtores rurais. Mas se tiver uma abordagem ética e científica, a biotecnologia pode ser um ganho à sociedade. Da mesma forma, o uso de agroquímicos deve ser feito de forma cautelosa, na medida certa. ■

“Hoje o mundo produz alimento suficiente para abastecer todo o planeta. O grande problema está na distribuição”

tre outras *commodities*. A transferência dessa tecnologia a pequenos produtores agrícolas não poderia ajudar a combater a fome na África?

HELDER MUTEIA Os cerrados brasileiros são parecidos com as savanas africanas, terras que a princípio são consideradas de baixa produtividade, mas que podem ser corrigidas, como se fez aqui no Brasil. O conhecimento que o Brasil acumu-

lou nas últimas décadas pode e deve ser transferido. Mas é preciso entender que só tecnologia não basta. É preciso facilitar o acesso dos pequenos agricultores aos recursos naturais, ao crédito e principalmente aos mercados. Os agricultores não estão no campo por questões morais. Eles querem e precisam ganhar dinheiro. Precisam vender as suas safras a preços justos e não entregá-las a qualquer pre-